



**NOVO PARADIGMA ANTROPOCÊNICO DA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
NEW ANTHROPOCENIC PARADIGM OF ARTIFICIAL
INTELLIGENCE**

Celestino Joanguete

Resumo

O avanço da inteligência artificial (IA) trouxe transformações tecnológicas significativas que podem alterar profundamente a relação entre seres humanos e máquinas. Este estudo explora o conceito de um "Novo Paradigma Antropocênico da IA" propondo uma abordagem centrada no ser humano para o desenvolvimento e aplicação dessas tecnologias. Foca-se na redefinição das práticas e filosofias que orientam a criação de IA, colocando o ser humano no centro. A rápida evolução da IA levanta preocupações éticas, sociais e filosóficas, destacando a necessidade de desenvolver e utilizar a IA de forma ética e sustentável. O estudo tem como objetivo delinear um novo paradigma de IA alinhado com valores antropocêntricos, identificando desafios éticos e sociais, propondo diretrizes para priorizar a dignidade humana e explorando exemplos que exemplifiquem esse novo paradigma. Utilizando uma abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, busca entender teorias existentes e lacunas no conhecimento atual. A responsabilidade final pelo uso e impacto da IA recai sobre os seres humanos, que devem garantir que essas tecnologias sirvam ao interesse coletivo de maneira ética e sustentável.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Antropocênico; Ética; Paradigma



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Abstract

The advancement of artificial intelligence (AI) has brought significant technological transformations with the potential to profoundly alter the relationship between humans and machines. This study explores the concept of a "New Anthropocentric Paradigm of AI," proposing a human-centered approach to the development and application of these technologies. It focuses on redefining the practices and philosophies guiding AI creation, placing humans at the center. The rapid evolution of AI raises ethical, social, and philosophical concerns, highlighting the need to develop and utilize AI in an ethical and sustainable manner. The study aims to outline a new AI paradigm aligned with anthropocentric values, identifying ethical and social challenges, proposing guidelines to prioritize human dignity, and exploring examples that exemplify this new paradigm. Using a qualitative approach and literature review, it seeks to understand existing theories and current knowledge gaps. The ultimate responsibility for the use and impact of AI lies with humans, who must ensure that these technologies serve the collective interest in an ethical and sustainable way.

Keywords: Artificial Intelligence, Anthropocentric, Ethics



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

INTRODUÇÃO

O rápido progresso da IA generativa levanta questões cruciais sobre a necessidade de alinhar essas tecnologias com valores humanos, direitos e ética, destacando o papel central do homem na resposta aos desafios relacionados ao potencial desequilíbrio de poder. Mesmo que os algoritmos generativos da IA evoluam continuamente, a pesquisa ressalta que nada substituirá a inteligência humana, reafirmando o homem como o verdadeiro centro do desenvolvimento humano.

O estudo concentra-se em analisar o antropocentrismo na era da IA generativa, conforme discutido por Yuval Noah Harari em "Homo Deus – Uma breve história do amanhã", ao situar o ser humano no epicentro do desenvolvimento da IA, especialmente em uma era caracterizada por big data e IA.

O objetivo deste estudo é pesquisar a percepção da centralidade do homem na IA generativa, avaliando como essa abordagem pode desempenhar um papel fundamental na orientação do desenvolvimento de sistemas tecnológicos mais éticos, justos e alinhados com os valores humanos. Sobretudo, busca-se compreender como o antropocentrismo pode ser incorporado nas fases de design, implementação e uso da IA, proporcionando contribuições valiosas para uma integração mais significativa e benéfica da IA no cenário contemporâneo. O estudo parte de uma abordagem fundamentada em uma revisão bibliográfica atualizada, que visa mapear e explorar as discussões teóricas relacionadas a era antropocênica da IA generativa.

1. CONCEITUALIZAÇÃO

O termo "antropocentrismo" refere-se à visão de mundo centrada no ser humano, na qual a humanidade é considerada o ponto central e mais significativo do universo. Essa perspectiva atribui grande importância aos interesses, valores e necessidades humanas, muitas vezes colocando o ser humano em uma posição de superioridade em relação às outras formas de vida e ao meio ambiente. Alguns dos filósofos renascentistas mais conhecidos que defendiam o antropocentrismo são Nicolau



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Maquiavel, Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e René Descartes. Esses pensadores contribuíram para moldar a visão de mundo da época, destacando o papel central do ser humano no entendimento e na interpretação do universo.

No entanto, críticos do antropocentrismo argumentam que essa visão de mundo é prejudicial ao meio ambiente e aos outros seres vivos. Essa abordagem ignora a interdependência entre os seres humanos e a natureza, resultando em problemas como a destruição de habitats e a extinção de espécies. Além disso, o antropocentrismo desconsidera o valor intrínseco da natureza, defendendo sua preservação não apenas para o benefício humano, mas por si mesma. Essas críticas têm impulsionado o desenvolvimento de abordagens alternativas, como o biocentrismo e o ecocentrismo, que valorizam todos os seres vivos e reconhecem a importância da sustentabilidade ambiental.

Por outro lado, o termo "antropoceno" tem uma conotação geológica e se refere a uma nova época na história da Terra, caracterizada pelo impacto substancial das atividades humanas nos sistemas naturais do planeta. O conceito foi popularizado pelo químico holandês Paul Crutzen em 2000. Ele propôs o termo para destacar as transformações ambientais significativas causadas pela ação humana, como mudanças climáticas, perda de biodiversidade, poluição e outras alterações globais.

Enquanto o antropocentrismo está relacionado à perspectiva filosófica e cultural que coloca os seres humanos no centro de tudo, o antropoceno é um conceito científico que reconhece as mudanças ambientais profundas causadas pelas atividades humanas. Ambos os termos refletem a influência do ser humano no planeta, mas em contextos e perspectivas diferentes: o primeiro mais ligado à visão de mundo e valores, e o segundo à análise científica dos impactos ambientais.

Retomando ao Crutzen (2000), a expressão antropoceno é utilizada para designar uma nova época geológica, destacando o impacto significativo que a atividade humana exerce sobre a Terra. O autor propôs esse conceito como uma maneira de reconhecer e descrever as alterações ambientais profundas e duradouras causadas pelas ações do ser humano.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Alcântara *et al.*(2021) analisaram como se configura o campo dos estudos sobre o Antropoceno. Os autores examinaram 1.352 artigos da base *Web of Science*, constatando que o uso da terminologia "Antropoceno" é predominantemente presente nas Ciências Naturais. No entanto, observou-se o surgimento de autores das Ciências Sociais, Humanas e da Filosofia abordando o tema. A narrativa naturalista ainda é a dominante nesse campo de estudo, mas existem divergências tanto dentro das disciplinas quanto entre as diferentes áreas do conhecimento. Por fim, concluem que o antropoceno é uma controvérsia científica contemporânea.

Embora o termo antropoceno tenha sido originalmente cunhado para descrever a influência humana significativa nas condições geológicas da Terra, sua aplicação na IA pode ser interpretada como uma das controvérsias de apropriação indevida para os paradigmas de desenvolvimento das linhas do tempo tecnológicas. Essa transposição conceitual levanta questões profundas sobre como os avanços na IA são enquadrados e compreendidos em relação às transformações geológicas que moldam o planeta.

Ao introduzir o conceito do Antropoceno no âmbito da IA, alguns questionamentos emergem, especialmente relacionados à ênfase na influência humana e à responsabilidade ética na criação e desenvolvimento dessas tecnologias. A analogia entre a capacidade da humanidade de impactar a geologia do planeta e sua capacidade de moldar o campo da inteligência artificial sugere uma centralidade contínua do ser humano na trajetória evolutiva da tecnologia.

Entretanto, essa analogia também pode ser interpretada como um alerta, chamando a atenção para as consequências profundas e duradouras das decisões tomadas no campo da IA. Assim como a marca do antropoceno indica alterações irreversíveis no ambiente terrestre, a aplicação inadequada ou irresponsável da IA pode ter impactos duradouros e, em alguns casos, irreparáveis na sociedade, na ética e na própria noção de inteligência.

Ademais, a IA, incorporada no contexto do antropoceno como uma invenção tecnológica, se torna a principal força motriz por trás das mudanças geológicas da Terra e da própria humanidade. Nesse cenário, ela não apenas transforma a maneira como



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

interagimos com o mundo ao nosso redor, mas também molda a evolução dos ecossistemas e das estruturas sociais. Seu impacto é tão profundo que redefine os paradigmas da existência humana, influenciando desde os processos econômicos e industriais até as dinâmicas culturais e ambientais.

O antropocentrismo, originado com a ascensão do "Homo sapiens", é caracterizado pela crença na superioridade intrínseca dos seres humanos, frequentemente atribuída à sua inteligência singular. Essa ideia, que permeou diversas culturas e épocas, é agora resgatada e submetida a uma análise diante do avanço da IA. Yuval Noah Harari, em suas reflexões contemporâneas, mantém a visão antropocêntrica tradicional baseada na superioridade do humano sobre as coisas.

A trajetória evolutiva da humanidade, marcada pela construção de narrativas que colocam o "Homo sapiens" na periferia na perspectiva de Harari (2016), enfatizando sua inteligência como o centro do universo; no entanto, com a evolução da ciência, essa narrativa é desafiada, confrontando a ideia de que a inteligência não é um domínio exclusivo da humanidade. As máquinas demonstram capacidades intelectuais notáveis, redefinindo a fronteira entre o que é considerado "inteligência" e questionando o excepcionalismo humano.

A crítica ao antropocentrismo reflete uma mudança de perspectiva na abordagem ética e moral em relação à interação humana com o meio ambiente. Aqueles que ainda se apegam ao antropocentrismo costumam argumentar que a ética e a moral só têm validade quando aplicadas aos seres humanos, considerados únicos agentes ético-morais. No entanto, mesmo entre esses defensores, nota-se uma atenuação da postura antes arrogante do antropocentrismo.

Atualmente, observa-se um crescente senso de reverência científica em relação aos deveres e responsabilidades, especialmente nas questões ambientais. Essa mudança reflete uma compreensão mais ampla de que a espécie humana enfrenta desafios significativos na construção de seu futuro no planeta. Há uma percepção razoável de que as ações humanas têm contribuído para problemas ambientais, exigindo uma reconsideração das práticas éticas e morais.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Essa evolução revela uma conscientização crescente sobre a necessidade de repensar o antropocentrismo, considerando as interconexões e interdependências entre todas as formas de vida e o meio ambiente. Mesmo que persistam pontos de vista antropocêntricos, há uma maior disposição para reconhecer a importância de uma ética mais abrangente que leve em conta não apenas os interesses humanos, mas também a saúde do planeta como um todo.

Portanto, a era antropocena da IA convida a uma ampliação do entendimento sobre o que significa ser inteligente e como a inteligência se manifesta em diferentes formas de vida, sejam elas biológicas ou artificiais. A apreciação da diversidade de inteligências e a compreensão de como elas podem complementar-se abrem caminho para uma narrativa mais inclusiva sobre o papel humano no universo da inteligência.

Repensar o antropoceno da IA não implica uma diminuição do valor humano, mas sim uma expansão do entendimento sobre a inteligência e a colaboração entre diferentes formas de vida. A narrativa evolutiva se entrelaça com a evolução da tecnologia, desafiando-nos a reconsiderar nossas relações com as máquinas e a forma como atribuímos significado e valor em um mundo cada vez mais permeado pela multiplicidade de inteligências.

A inteligência artificial generativa busca “humanizar” a interação entre máquinas e seres humanos, proporcionando uma experiência mais natural e intuitiva. (Ferraz, 2024). Ao contrário dos modelos tradicionais de IA, que muitas vezes se limitam a tarefas específicas, a IA generativa visa estimular a capacidade humana de criar, inovar e expressar-se de maneira criativa.

Um exemplo notável dessa abordagem é o GPT-3 (Generative Pre-trained Transformer 3), desenvolvido pela OpenAI. Este modelo de linguagem utiliza uma arquitetura avançada de aprendizado de máquina para não apenas compreender e responder a perguntas, mas também gerar texto coerente em contextos diversos. Essa capacidade de compreensão contextual e produção de conteúdo significativo aproxima a interação homem-máquina da forma como os humanos se comunicam entre si.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Além disso, ferramentas como o DALL-E, também da OpenAI, exploram a capacidade de criar imagens a partir de descrições textuais, humanizando a geração de conteúdo visual. Essa abordagem mais aberta e criativa da IA busca não apenas atender a comandos, mas também colaborar de maneira mais próxima com os usuários, oferecendo soluções e expressando-se de maneira mais alinhada com as nuances humanas. (Ferraz, 2024).

No entanto, esse processo de “humanização” da IA também levanta questões éticas e desafios, especialmente no que diz respeito à responsabilidade e à transparência no desenvolvimento e uso dessa tecnologia. Encontrar um equilíbrio entre a criação de sistemas mais humanos e a garantia de padrões éticos é essencial para o desenvolvimento sustentável e ético da inteligência artificial generativa.

Qual é a relação do Antropocentrismo com o dataísmo, *big data* e IA?

O dataísmo, a *big data* e a IA generativa estão interligados por meio da influência das atividades humanas no novo ambiente antropocênico, na coleta e manipulação maciça de dados, e no desenvolvimento de tecnologias inteligentes que utilizam esses dados para diversas finalidades. Essa interconexão destaca a complexidade e a interdependência entre as transformações socioambientais e os avanços tecnológicos na era moderna.

Escrutinando o pensamento de Christoph (2019), que levanta diversas interrogações para abordar o trilema dataísmo/*big data*/inteligência artificial, o autor destaca a interseção entre o desenvolvimento das máquinas de aprendizagem, a expansão da IA neste período antropoceno da supervalorização dos dados. Nesse contexto, questiona-se se essas tecnologias irão perpetuar as dinâmicas prejudiciais ou se podem ser orientadas para promover metas de desenvolvimento sustentável. Diante desse cenário desafiador, é essencial explorar estratégias que possam direcionar tais inovações tecnológicas para um impacto mais positivo, considerando os desafios da era antropogênicas da *big data* e dos algoritmos.

A preocupação levantada sobre a possibilidade dessas tecnologias perpetuarem dinâmicas prejudiciais ou serem orientadas para metas de desenvolvimento sustentável é



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

válida e instiga uma reflexão necessária. No entanto, seria enriquecedor explorar exemplos concretos ou evidências que sustentem as ponderações apresentadas. Além disso, uma abordagem mais aprofundada sobre propostas específicas para orientar essas tecnologias rumo ao desenvolvimento sustentável poderia fortalecer a discussão, fornecendo soluções práticas para os desafios apontados.

Em resposta à preocupação levantada, Buzato (2023) aborda a necessidade de uma compreensão mais aprofundada das relações entre o homem e a IA, evitando visões deterministas alienantes e projeções antropocêntricas. O autor destaca a importância de considerar as práticas e fenomenologia dessa relação, observando como a experiência humana estrutura as interações com a IA generativa, como ChatGPT e DALL-E, podem deslocar a relação hermenêutica para o território da alteridade, influenciando a construção da identidade-alteridade humana. Ainda mais, discute a necessidade de repensar as interações humano-tecnologia-mundo.

O autor acima retromencionado, ao abordar a IA generativa e seu potencial impacto na construção da identidade-alteridade humana, é preciso destacar a complexidade dessas interações e ressaltar a importância de uma abordagem crítica e reflexiva para compreender as implicações éticas e sociais dessas tecnologias emergentes.

No entanto, para uma compreensão mais abrangente, seria interessante que o autor fornecesse exemplos concretos ou evidências que ilustrem as complexidades e impactos discutidos. Além disso, poderia expandir ainda mais sobre propostas práticas para uma abordagem ética e reflexiva no desenvolvimento e uso dessas tecnologias, particularmente dos dados e dos algoritmos.

2. DESAFIOS ÉTICOS E SOCIAIS DA IA

A IA representa uma das inovações tecnológicas mais revolucionárias do século XXI, com um impacto potencialmente profundo em diversas esferas da vida humana. Entretanto, ao mesmo tempo que essa tecnologia promete avanços significativos, ela



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

também levanta uma série de desafios éticos e sociais que precisam ser abordados para garantir seu desenvolvimento e aplicação responsáveis.

Por exemplo, um dos desafios mais discutidos é o impacto da IA no mercado de trabalho. O estudo de Frey e Osborne (2017) examina a suscetibilidade dos empregos à automação, utilizando uma metodologia inovadora com um classificador de processo Gaussiano para estimar a probabilidade de automação em 702 ocupações detalhadas. Com essas estimativas, os autores analisam os impactos esperados da automação no mercado de trabalho dos EUA, focando no número de empregos em risco e na relação entre a probabilidade de automação, salários e nível educacional.

Além disso, esta abordagem é fundamental no contexto atual, onde a automação e a IA estão transformando o mercado de trabalho. A metodologia utilizada permite identificar de forma precisa quais empregos estão mais vulneráveis à automação, o que é essencial para planejar políticas públicas que mitiguem os impactos negativos dessa transformação.

Os resultados indicam que empregos com menores qualificações e salários mais baixos são frequentemente os mais suscetíveis à automação. Dessa forma, essa correlação ressalta a importância de programas de requalificação e educação para preparar a força de trabalho para as novas demandas do mercado. A relevância social e econômica do estudo é significativa, pois a automação pode aumentar a desigualdade social se não forem implementadas medidas adequadas.

Outro desafio significativo é a questão dos preconceitos e discriminação incorporados nos sistemas de IA. Estudos recentes demonstram que algoritmos de aprendizado de máquina podem discriminar com base em classes como raça e gênero. Esse problema crítico é amplamente discutido no campo da IA, especialmente em sistemas de análise facial. Esses algoritmos são frequentemente treinados em conjuntos de dados que refletem preconceitos humanos existentes, perpetuando ou até exacerbando essas desigualdades quando aplicados sem a devida correção. Por exemplo, Buolamwini e Gebru (2018) destacaram em seu estudo que os sistemas de



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

reconhecimento facial têm taxas de erro significativamente mais altas para indivíduos de pele mais escura e mulheres, o que evidencia a gravidade do viés algorítmico.

Assim, os autores do estudo utilizaram o sistema de classificação Fitzpatrick Skin Type para caracterizar a distribuição de gênero e tipo de pele em dois benchmarks de análise facial: IJB-A e Adience. A análise revelou que ambos os conjuntos de dados são esmagadoramente compostos por indivíduos de pele mais clara, com 79,6% no IJB-A e 86,2% no Adience. Esta desproporção contribui significativamente para o viés algorítmico.

Para abordar essa desigualdade, os autores introduziram um novo conjunto de dados de análise facial equilibrado em termos de gênero e tipo de pele, essencial para o desenvolvimento de algoritmos mais justos e representativos. A avaliação de três sistemas comerciais de classificação de gênero com o novo conjunto de dados revelou disparidades significativas na precisão das classificações. As mulheres de pele mais escura foram o grupo mais mal classificado, com taxas de erro de até 34,7%, enquanto a taxa de erro máxima para homens de pele mais clara foi de apenas 0,8%. Esta disparidade substancial evidencia a presença de um viés significativo nos sistemas de análise facial disponíveis comercialmente.

A análise sublinha a importância de utilizar conjuntos de dados representativos no treinamento de algoritmos de IA. Conjuntos de dados desequilibrados resultam em sistemas que não funcionam de maneira justa para todos os subgrupos populacionais. Ao introduzir um conjunto de dados equilibrado, os autores dão um passo crucial para mitigar o viés algorítmico e promover a equidade. Portanto, os resultados do estudo mostram que há uma necessidade urgente de transparência e responsabilidade na construção de algoritmos de análise facial. Empresas que desenvolvem esses sistemas devem ser transparentes sobre os dados que utilizam e as medidas que tomam para evitar discriminação. A responsabilidade pela correção de vieses deve ser uma prioridade para garantir que a tecnologia beneficie todos os grupos de forma equitativa.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

As implicações éticas e sociais dos resultados são profundas. Sistemas de IA que discriminam com base em raça e gênero podem perpetuar injustiças sociais e prejudicar grupos já marginalizados. Portanto, é crucial que desenvolvedores e pesquisadores de IA adotem uma abordagem ética em todas as etapas do desenvolvimento tecnológico.

Para construir algoritmos de análise facial que sejam verdadeiramente justos, transparentes e responsáveis, é necessário assegurar que os conjuntos de dados utilizados no treinamento dos algoritmos representem adequadamente a diversidade da população. Realizar auditorias frequentes dos sistemas para identificar e corrigir vieses é essencial, assim como ser transparente sobre os métodos utilizados e os dados empregados, comunicando claramente as limitações e as medidas tomadas para mitigar o viés. Além disso, envolver especialistas de diversas áreas, incluindo ética, sociologia e direito, é fundamental para abordar os aspectos multifacetados do viés algorítmico.

O estudo evidencia a necessidade urgente de uma abordagem ética e responsável no desenvolvimento de sistemas de IA. As disparidades na precisão de classificação entre diferentes subgrupos fenotípicos mostram que os sistemas atuais ainda estão longe de ser equitativos. A adoção de medidas que garantam justiça, transparência e responsabilidade é essencial para que a IA possa cumprir seu potencial de beneficiar a sociedade de maneira inclusiva e justa. A responsabilidade final recai sobre os seres humanos, que devem garantir que essas tecnologias sirvam ao interesse coletivo de maneira ética e sustentável.

A privacidade é outra área de grande preocupação. Sistemas de IA frequentemente dependem da coleta massiva de dados pessoais para operar de maneira eficaz. Isso levanta questões sobre como esses dados são coletados, armazenados e utilizados, bem como quem tem acesso a eles. A regulamentação sobre a proteção de dados, como o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR) da União Europeia, visa mitigar esses riscos, mas a rápida evolução da IA muitas vezes ultrapassa a capacidade das leis de acompanhar essas mudanças. Além disso, a segurança cibernética é crucial para proteger esses sistemas de IA contra ataques e manipulações, que poderiam ter consequências desastrosas.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

A IA também tem o potencial de ser usada para manipular e influenciar opiniões públicas. Algoritmos de mídia social, por exemplo, podem amplificar desinformação e conteúdo polarizador, afetando eleições e a estabilidade social. O escândalo da Cambridge Analytica é um exemplo de como a IA pode ser usada para manipular eleitores, destacando a necessidade de uma governança rigorosa e transparente desses sistemas para proteger a integridade democrática.

Portanto, existem considerações filosóficas e humanísticas sobre o papel da IA na sociedade. A emergência de sistemas altamente inteligentes levanta questões sobre a natureza da consciência, a moralidade das máquinas e a definição do que significa ser humano (Floridi et al., 2018). A questão da consciência é particularmente intrigante, pois enquanto alguns argumentam que a IA pode simular processos cognitivos humanos, outros defendem que a verdadeira consciência é exclusiva aos seres biológicos.

Além disso, a moralidade das máquinas é um tópico importante para uma discussão. Com a IA assumindo papéis cada vez mais autônomos, desde a direção de veículos até a tomada de decisões médicas, surge a necessidade de definir padrões éticos claros para guiar essas ações. A programação de valores morais em sistemas de IA não é uma tarefa trivial, pois envolve escolhas complexas sobre quais valores priorizar e como implementá-los de maneira que a IA possa interpretar corretamente em diversas situações (Boden, 2016).

A definição do que significa ser humano também está em debate. A capacidade da IA de realizar tarefas que anteriormente eram exclusivas da inteligência humana desafia nossa compreensão da singularidade humana. Alguns teóricos sugerem que a IA pode expandir o potencial humano, enquanto outros temem que ela possa desvalorizar as habilidades e a criatividade humanas, levando a uma sociedade onde a contribuição humana é cada vez menos valorizada (Brynjolfsson & McAfee, 2014).



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Essas questões exigem uma abordagem interdisciplinar, envolvendo não apenas cientistas e engenheiros, mas também filósofos, sociólogos e outros especialistas das ciências humanas (Boden, 2016). Filósofos podem ajudar a explorar as implicações éticas e existenciais da IA, enquanto sociólogos podem estudar como a tecnologia impacta as estruturas sociais e as relações humanas. Psicólogos podem contribuir com insights sobre a interação entre humanos e máquinas, e economistas podem analisar os impactos no mercado de trabalho e na distribuição de riqueza.

Além disso, é fundamental envolver o público em geral neste debate. A democratização das discussões sobre IA garante que as vozes de diferentes segmentos da sociedade sejam ouvidas, promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa sobre o futuro da IA. As políticas públicas devem ser informadas por uma ampla gama de perspectivas para garantir que os benefícios da IA sejam compartilhados de maneira justa e que os riscos sejam mitigados de forma eficaz.

3. O PAPEL DO HOMEM DIANTE DA IA

O papel do homem diante da IA é fundamental para garantir que essa tecnologia seja desenvolvida e aplicada de maneira ética e responsável. A responsabilidade humana envolve várias dimensões, incluindo a definição de diretrizes éticas, a supervisão do desenvolvimento tecnológico e a tomada de decisões sobre o uso da IA.

Para que a IA seja benéfica à sociedade, é imperativo que os humanos estejam ativamente envolvidos em todas as fases de seu ciclo de vida. Isso inclui desde a fase de pesquisa e desenvolvimento, passando pela implementação, até a monitorização contínua de suas operações. Além disso, os humanos devem garantir que os sistemas de IA sejam transparentes e auditáveis, de modo que possam ser compreendidos e controlados quando necessário.

A definição de diretrizes éticas é uma etapa crucial, pois estabelece os princípios que guiarão o desenvolvimento e a aplicação da IA. Estas diretrizes devem ser abrangentes e incluir considerações sobre privacidade, segurança, equidade e justiça. A supervisão do desenvolvimento tecnológico é igualmente importante para garantir que as diretrizes éticas sejam seguidas rigorosamente. Isso pode incluir a criação de comitês



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

de ética, a realização de auditorias e a implementação de políticas que promovam a responsabilidade.

Por fim, a tomada de decisões sobre o uso da IA deve ser realizada com cautela, levando em conta os impactos sociais, econômicos e ambientais. Decisões mal informadas ou precipitadas podem levar a consequências adversas, como a perpetuação de vieses ou a perda de empregos. Portanto, é essencial que os tomadores de decisão sejam bem-informados e ajam com responsabilidade.

Como destaca Russell e Norvig (2021), "A interação entre seres humanos e sistemas de IA deve ser guiada por princípios éticos robustos que assegurem a justiça, transparência e responsabilidade". Essa interação é essencial para o desenvolvimento de uma IA que realmente beneficie a sociedade como um todo.

4. DEFINIÇÃO DE DIRETRIZES ÉTICAS

Os seres humanos devem estabelecer diretrizes éticas claras para orientar o desenvolvimento e a aplicação da IA. Estas diretrizes devem abordar questões como privacidade, transparência, justiça e segurança, garantindo que a IA seja utilizada de maneira que respeite os direitos humanos e promova o bem-estar social. Segundo Floridi *et al.* (2018), é essencial que as diretrizes éticas sejam integradas desde o início do processo de desenvolvimento da IA, para evitar problemas a posteriori.

A supervisão humana é crucial para garantir que os sistemas de IA funcionem de acordo com os princípios éticos estabelecidos. Isso inclui a realização de auditorias regulares, testes de viés algorítmico e avaliações de impacto social. A supervisão também deve garantir que as tecnologias de IA sejam desenvolvidas de maneira transparente, permitindo que os usuários entendam como as decisões são tomadas por esses sistemas.

Os seres humanos têm a responsabilidade final sobre como a IA é utilizada na sociedade. Isso envolve decisões sobre onde e como a IA deve ser implementada, considerando os potenciais benefícios e riscos. A tomada de decisões deve ser informada por um diálogo inclusivo que envolva diferentes partes interessadas,



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

incluindo cientistas, formuladores de políticas, representantes da sociedade civil e o público em geral.

Os desafios éticos e sociais da inteligência artificial são vastos e complexos, exigindo uma abordagem holística e colaborativa para serem enfrentados de maneira eficaz. O papel do homem é central para garantir que a IA seja desenvolvida e utilizada de forma que sirva ao bem comum e promova uma sociedade mais justa e equitativa. É fundamental que o desenvolvimento e a implementação de tecnologias de IA sejam guiados por princípios éticos que priorizem a dignidade humana, a justiça social e a sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da intrincada interação entre a influência humana na era antropocena da IA, emerge um cenário desafiador e complexo. Nesse sentido, a convergência entre o impacto humano, personificado pelo antropoceno, e os desenvolvimentos na IA suscita reflexões profundas sobre ética, responsabilidade e o papel contínuo da humanidade no controle dessas tecnologias inovadoras.

Por conseguinte, o novo paradigma antropocênico da IA propõe uma visão onde, apesar da notável capacidade criativa e inovadora das máquinas, a autonomia e a responsabilidade humanas permanecem como elementos cruciais. Ademais, a reflexão sobre este novo paradigma destaca a importância de manter o ser humano no epicentro das decisões concernentes ao desenvolvimento e implementação da IA. Isso não implica um retorno unilateral a perspectivas exclusivamente humanas, mas sim uma abordagem equilibrada onde a colaboração entre humanos e máquinas é orientada por princípios éticos robustos.

Nesse contexto, a harmonização do progresso tecnológico com considerações éticas é essencial para assegurar que a IA contribua para o avanço da sociedade sem comprometer valores fundamentais. Este equilíbrio requer um compromisso com a transparência, a justiça e a inclusão, garantindo que a IA seja desenvolvida e utilizada de forma que respeite a dignidade humana e promova o bem-estar social.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Portanto, o retorno ao antropocentrismo na era da IA não deve ser interpretado como uma regressão, mas como um apelo à liderança ética e consciente. A liderança ética envolve enfrentar de maneira proativa os dilemas éticos associados à IA, promovendo uma coevolução harmoniosa entre a humanidade e a inteligência artificial.

Para alcançar essa coevolução, é necessário desenvolver políticas públicas inclusivas que sejam informadas por uma ampla gama de perspectivas, garantindo que os benefícios da IA sejam compartilhados de maneira justa e que os riscos sejam mitigados de forma eficaz. A transparência e a responsabilidade das empresas e desenvolvedores de IA são fundamentais, devendo ser transparentes sobre os dados utilizados e os métodos empregados, além de realizar auditorias frequentes para identificar e corrigir vieses. Programas de educação e requalificação são importantes para preparar a força de trabalho para as novas demandas do mercado, mitigando os impactos negativos da automação e promovendo a inclusão social. Além disso, o envolvimento multidisciplinar, com a colaboração entre cientistas, engenheiros, filósofos, sociólogos e outros especialistas, é fundamental para abordar os aspectos multifacetados do viés algorítmico e das implicações éticas da IA.

Dessa forma, o novo paradigma antropocênico da IA exige uma liderança ética e consciente, orientada por princípios de responsabilidade e respeito pelos valores humanos. Somente assim, a sociedade poderá pavimentar um futuro onde a inovação tecnológica é impulsionada pela ética e pelo compromisso com o bem-estar coletivo, assegurando uma coevolução harmoniosa entre humanidade e inteligência artificial.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Referências

ALCÂNTARA, V.; YAMAMOTO, É.; GARCIA, A.; CAMPOS, A. **Antropoceno: o Campo de Pesquisas e as Controvérsias sobre a Era da Humanidade**. Revista Gestão & Conexões. 2021.

BATESON, Gregory. **Mind and Nature: A Necessary Unity**. New York: E. P. Dutton, 1979.

BODEN, M. A. (2016). **AI: Its Nature and Future**. Oxford University Press.

BOSTROM, NICK. **Superintelligence: Paths, dangers, strategies**. Oxford University Press, 2014.

BROOKS, David. "The Philosophy of Data". In New York Times. 2013. Disponível em <https://www.nytimes.com/2013/02/05/opinion/brooks-the-philosophy-of-data.html>. Acessado em 20/06/2024

BRYNJOLFSSON, E., & MCAFEE, A. **The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies**. W. W. Norton & Company. 2014.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Inteligência artificial, pós-humanismo e Educação: entre o simulacro e a assemblagem**. Dialogia, São Paulo, n. 44, p. 1-20, jan./abr. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5585/44.2023.23906>.

COULDRY, N.; MEJÍAS, U. A. **Colonialismo de datos: repensando la relación de los datos masivos con el sujeto contemporáneo**. Virtualis: Revista de cultura digital, v. 10, n. 18, p. 78-97, 20 maio 2019. Disponível em: <http://www.revistavirtualis.mx/index.php/virtualis/article/view/289>. Acessado em: 11/06/2024

CRUTZEN, P.; STOEMER, E. F. **The Anthropocene**. Global Change Newsletter, n. 41, p. 17-18, 2000.



Anais de Artigos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

FERRAZ, Eloísa. **Inteligência artificial generativa: o que é e mais 12 exemplos.** 2024. Disponível em: <https://blog.fecap.br/inteligencia-artificial-generativa/>. Acessado em 08/06/2024

FREY, C. B., & OSBORNE, M. A. **The Future of Employment: How Susceptible Are Jobs to Computerisation? Technological Forecasting and Social Change**, 114, 254-280. 2017.

HARARI, Y. N. **Homo Deus: uma breve história do amanhã.** Companhia das Letras, 2016.

RUSSELL, S., & NORVIG, P. **Artificial Intelligence: A Modern Approach** (4th ed.). Pearson. 2021.

WIEDERHOLD, Gio & MCCARTHY, John. **Arthur Samuel: Pioneer in Machine Learning** IBM Journal of Research and Development. 36. 329 - 331. 1992.

WULF, C. **Inteligência Artificial como Desafio à Sociedade e Educação. Juventude Global em Trajetórias Digitais no Antropoceno (Artificial Intelligence as a Challenge to Society and Education).** 2019. Disponível em <https://ssrn.com/abstract=3759522>. Acessado 24/06/2024. Doi <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3759522>.